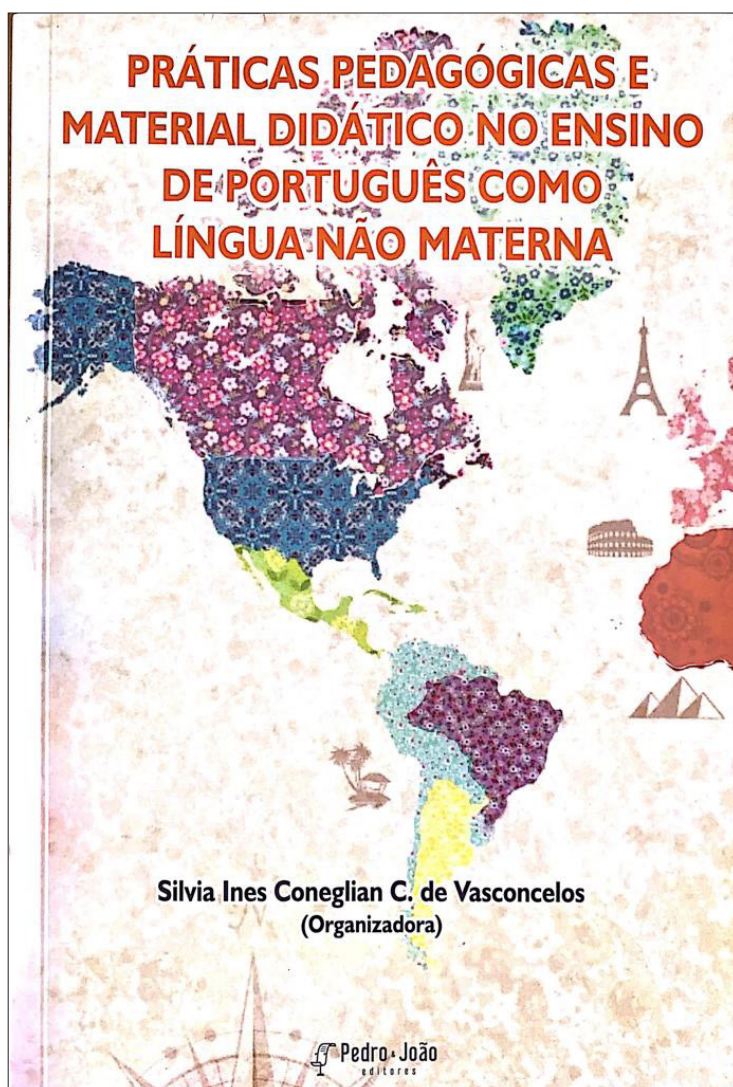


RESENHA

VASCONCELOS, Sílvia Inês Coneglian Carrilho de. *Práticas pedagógicas e material didático no ensino de Português como Língua não Materna*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, 194 p.

*Maria do Carmo Meirelles Reis Branco Ribeiro**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil



* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil; carmoribe@ig.com.br.

Publicação organizada pela Profa. Dra. Sílvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos, da Universidade Federal de Santa Catarina, *Práticas pedagógicas e material didático no ensino de Português como Língua não Materna* (São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, 194p.), é uma coletânea de capítulos situados na área de ensino de Português como Língua Estrangeira, escritos por professores e pesquisadores que atuam no ambiente acadêmico e que desenvolvem pesquisas relativas a questões teóricas e metodológicas nessa área, com embasamento teórico em M. Bakhtin, Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly, Roxane Rojo, Queiroz e Silveira, entre outros. Fruto de experiências propiciadas por novos contextos de ensino/aprendizagem, como os avanços da tecnologia, o uso cada vez mais intenso das mídias digitais e das redes sociais, que alteram a veiculação das informações e das relações humanas e, também, como a presença de alunos em situação de refúgio. Esses novos contextos requerem pesquisas teóricas, novos procedimentos e práticas de ordem metodológica para a atividade docente, dando origem a propostas de ações e reflexões sobre os resultados obtidos. Essa coletânea teve apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Os textos que compõem este livro retratam mais de uma modalidade de ensino de língua portuguesa, a saber, português como língua de acolhimento e português como língua não materna ou segunda língua, bem diversas entre si. Entretanto, compartilham de pontos em comum, como a preferência pelo ensino da língua em uso e aspectos pragmáticos dos enunciados nas práticas pedagógicas, ações que ocorrem dentro da perspectiva da interculturalidade.

Ensinar uma língua é dar ao aluno condições para interagir em seu meio, fornecer subsídios para administrar as urgências do cotidiano, utilizando a linguagem do seu contexto social. É também colocar o aluno em contato com a cultura da língua-alvo, com suas formas de interação e de representação, sob qualquer modalidade simbólica, seus significados implícitos, seus valores e estética. O ensino de línguas intercultural preconiza que, o indivíduo, ao entrar em contato com a cultura do outro, toma consciência da sua própria cultura, resultando não só adaptação ao novo entorno, mas sobretudo crescimento pessoal.

Assim, ensinar uma língua é muito mais que habilitar o aluno a utilizar enunciados linguísticos. É propiciar que tenha competências para lidar com um ambiente sócio cultural que lhe é estranho, por vezes enfrentando antagonismos e conflitos. É criar condições para que desenvolva interações saudáveis, produtivas e prazerosas. É apresentar o conjunto de instâncias que compõem a cultura da língua-alvo, sem estereótipos e preconceitos, nas práticas sociais, artísticas, entre outras.

Organizado em duas partes, o livro traz primeiramente relatos e reflexões sobre experiências motivadas por situações desafiadoras e, na segunda, discussão sobre manual didático e o material autêntico para ensino de PLE.

Sob o título *Práticas Pedagógicas*, concentram-se textos de professores-pesquisadores sobre atuação em sala de aula, para o que consideraram critérios como a língua materna, a faixa etária, contexto sócio cultural, núcleo de interesses dos alunos. Questões de ordem pragmática estão presentes em seu conteúdo programático: o trabalho com enunciados que mediam as interações sociais, de modo a promover a melhor adaptação ao estrangeiro em ambiente brasileiro, não deixando de lado o aspecto intercultural¹.

Dentre as experiências relatadas, cinco delas ocorreram com grupos em situação de refúgio, caracterizando o que se define como ensino de português como língua de acolhimento. Nesta situação, a ação do professor é não somente ensinar a língua, mas avaliar a situação psicossocial do aluno, a urgência em aprender a língua para rápida inserção no mercado de trabalho, a receptividade da sociedade que o acolhe (AMADO, 2013). Os projetos desenvolvidos em ambiente acadêmico pelas mestrandas do PROFLETRAS, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com haitianos² e aquele da professora Dra. Maria José

¹ Cap. 2: *Experiência pedagógica com expressões idiomáticas em material didático do português brasileiro como língua adicional*, de Maria Denize Carniel da Silva e Michelli Marchi Oss-Emer; Cap. 3: *Culinária brasileira no material didático de português como língua adicional*, de Jéssica Mendes da Silva Rodrigues e Fabiana de Fátima; Cap. 4: *Jogos lúdicos no ensino de português como língua adicional para mães haitianas: socialização e aprendizagem*, Aline Suzana de Freitas Vaz e Maria Clara Dias da Cruz.

² Cap. 1: *Africanidades e saudades: um encontro entre Haiti e Brasil por meio da música brasileira*, de Aline Cristina Pereira e Edna Kurisini Diatel;

Nelo³, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), contemplam questões que vão além de um ensino de língua em sentido restrito.

As propostas desenvolvidas pela Universidade Federal de Santa Catarina tiveram como público-alvo refugiados haitianos radicados nesse estado, para os quais foi elaborado material relacionado com práticas sociais. Os alunos levantaram temas que extrapolavam a pura dúvida linguística, como o racismo e a intolerância, e tiveram a oportunidade de vivenciar interação e trocas interculturais, indispensáveis para a melhor adaptação do indivíduo em novo contexto sócio cultural.

Também voltado para alunos em situação de refúgio, mas com configuração multicultural, o curso ministrado na Universidade Estadual do Maranhão apresentou um desafio a mais: a heterogeneidade do grupo. Lançando mão das metodologias alternativas, segundo as quais professor e alunos são produtores das atividades em situação de aula, as práticas didáticas foram também situadas dentro de uma perspectiva interculturalista, segundo a qual, ao entrar em contato com a cultura do outro, o indivíduo toma consciência de sua própria cultura.

Para um público generalizado, dois outros textos trazem questões relacionadas a conteúdos a serem tratados em sala de aula: 1) os estereótipos de mulher brasileira⁴, a partir de atividades realizadas em aulas de PLA; e 2) o ensino da gramática para PLE⁵.

No primeiro, é feito um questionamento sobre o material veiculado pela mídia, apresentando a mulher brasileira de forma sexualizada, propondo-se a desconstrução dessa imagem, por meio da pesquisa de material condizente. No segundo, o autor faz uma retrospectiva da presença da gramática nos cursos de línguas, defendendo o seu ensino, não de forma exaustiva, mas inserindo-o numa perspectiva pragmática, na língua em uso.

³ Cap. 6: Reflexões sobre práticas de ensino de português para estrangeiro em São Luís do Maranhão, de Maria José Nélo.

⁴ Cap. 5. *Desconstrução do estereótipo da mulher brasileira com alunos estrangeiros: uma proposta de intervenção nas aulas de português como língua adicional*, de Maria Gabriela Abreu e Thaís Gonçalves Martins, discentes do PROFLETRAS.

⁵ *O ensino de gramática na aula de português como língua estrangeira: opções para um ensino diversificado*, de Luís Gonçalves (Universidade de Princeton, New Jersey, EUA).

Na segunda parte do livro, “Problematizando o material didático” os três capítulos versam sobre material disponível para Português Língua Estrangeira (PLE).

É de conhecimento corrente a dificuldade do professor ao ter de escolher um manual didático a ser utilizado em seu curso. Questões como adequação do conteúdo, metodologias utilizadas, atualização, temas abordados são empecilhos geralmente enfrentados na hora da seleção do material. Muitos livros didáticos privilegiam o ensino de gramática, minimizando ou trazendo uma imagem tendenciosa e equivocada da cultura brasileira. Essa questão é ilustrada com o texto de Miranda⁶, realizada com manuais didáticos utilizados em cursos de português na Argentina.

As propostas de Borges Sellan⁷ e Carrilho de Vasconcelos⁸, respectivamente sobre o uso de textos literários e de material com conteúdo humorístico, expandem o conceito de material didático autêntico. No primeiro momento, a presença da literatura e do texto humorístico são considerados também como recurso didático sob perspectiva interculturalista. A literatura, como forma de expressão de um povo é por si uma das manifestações culturais mais privilegiadas. O texto humorístico, por sua vez, é construído a partir referências comuns aos grupos sócio culturais. No entanto, tratar o texto literário como literatura, de modo a propiciar fruição estética, e o humorístico, por seu aspecto jocoso, risível, é promover momentos motivadores e prazerosos em sala de aula.

Os textos apresentados em Práticas pedagógicas e material didático no ensino de português como língua não materna trazem questões de ordem teórica e metodológica, não só discutindo os desafios enfrentados pelo professor de português, mas também abrindo perspectivas e propostas de trabalho. Discutem novas

⁶ *As dimensões interlinguística e intercultural em livros didáticos de português para hispanofalantes*, de **Florencia** Miranda, professora de português como língua estrangeira da Universidade Nacional de Rosário, Argentina.

⁷ *Ensino de português como língua estrangeira e literatura: a didatização de materiais autênticos*, de Aparecida Regina Borges Sellan, docente da PUC/SP e membro do Núcleo de Pesquisa e Ensino Português Língua Estrangeira (NUPLE) do Instituto de Pesquisas Linguísticas “Sedes Sapientiae” para Estudos do Português (I.P.),

⁸ *O dispositivo humorístico no ensino de português como língua estrangeira*, de Silvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos, docente do Mestrado Profissional em Letras/Profletras, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

realidades e propõem reflexões e ações indispensáveis para a formação do professor de português para falantes de outras línguas.

Referência

AMADO, Rosana de Sá. *O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados*. Disponível em: http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=309:o-ensino-de-portugues-como-lingua-de-acolhimento-para-refugiados&catid=70:edicao-7&Itemid=113. Acesso em 12 maio 2019

Recebido: 03/06/2019

Aceito: 03/07/2019